A Mulher Na Medicina Veterinária

Women At Veterinary Medicine

Resumo

A Medicina Veterinária moderna começou a se desenvolver com o surgimento da primeira escola do mundo, em Lyon (França). No Brasil, a primeira escola de veterinária foi fundada em 1883 com a denominação Escola Imperial de Medicina e Agricultura, em Pelotas. A primeira mulher a se formar foi a Dra. Nair Eugenia Lobo, pela hoje Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em 1929. Em 2017, as mulheres representavam 53% das inscrições primárias realizadas no Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV).

Palavras-chave: Medicina Veterinária, Gênero, História, Feminização, Mulher.

Abstract

Modern Veterinary Medicine began to develop with the emergence of the world's first school in Lyon (France). In Brazil, the first veterinary school was founded in 1883 under the name of Imperial School of Medicine and Agriculture, in Pelotas. The first woman to graduate was Dr. Nair Eugenia Lobo at presently Rio de Janeiro Rural Federal University, in 1929. In 2017, women represented 53% of the primary enrollments held at the Federal Council of Veterinary Medicine (CFMV).

Keywords: Veterinary Medicine, Gender, History, Feminization, Woman.

Introdução

A partir do próprio processo de domesticação dos animais, a história do início do exercício da *ars veterinária* confunde-se com os primórdios da civilização humana. O Papiro de Kahun, encontrado no Egito em 1890, descreve fatos relacionados à arte de curar animais datados de 4000 anos a.C., indicando procedimentos de diagnóstico e prognóstico, sintomas e tratamento de doenças de diversas espécies animais. Em certas regiões da Ásia e da África, do Egito à Índia Oriental, a memória histórica também permite inferir que a Medicina Animal era praticada 2000 anos a.C. Nos códigos de Eshn Unna (1900 a.C.) e de Hammurabi (1700 a.C.), originários da antiga Mesopotâmia, estão registradas referências à remuneração e às

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Monteiro Martins

Doutora em Patologia Ambiental e Experimental pela Universidade Paulista. Atualmente, Professora Assistente I da Universidade Cruzeiro do Sul.

E-mail: maria.martins@cruzeirodosul.edu.br

Prof. Dr. Eduardo Fernandes Bondan

Doutor em Patologia Experimental e Comparada pela Universidade de São Paulo e pós-doutor pela Universidade Paulista. Atualmente, é professor titular da Universidade Paulista e da Universidade Cruzeiro do Sul, atuando também como professor do curso de farmácia da Universidade Presbiteriana Mackenzie e de Medicina da Universidade São Camilo.

E-mail: eduardo.bondan@cruzeirodosul.edu.br

responsabilidades atribuídas aos médicos dos animais (CFMV, 2008).

Considerado no mundo ocidental, a partir dos helenos, o pai da Medicina Veterinária, Apsirtos, nasceu no ano 300 da nossa era, em Clazômenas, cidade litorânea do mar Egeu, na costa ocidental da Ásia Menor. Estudou Medicina em Alexandria, tornando-se, posteriormente, Veterinário chefe do exército de Constantino, o Grande, durante a guerra contra os povos Sarmatas do Danúbio, entre 332 e 334 d.C. Após a guerra, exerceu a sua arte de curar animais em Peruza e Nicomédia, cidades da Ásia Menor, criando uma verdadeira escola de hipiatras (McCABE, 2007). Em meados do século VI, em Bizâncio (atualmente Istambul), foi identificado um verdadeiro tratado enciclopédico chamado *Hippiatrika*, compilado por diversos autores e que tratava da criação dos animais e de suas doenças, contendo 420 artigos, dos quais 121 escritos por Apsirtos (MCCABE, 2007; MELO et al., 2010). Entre os assuntos descritos por Apsirtos, merecem referência o mormo, o enfisema pulmonar, o tétano, as cólicas, as fraturas, a sangria com suas indicações e modalidades, as beberagens, os unguentos. Sua obra revela, enfim, domínio sobre o conhecimento prevalecente na prática hipiátrica da época (MCCABE, 2007).

Na Espanha, durante o reinado de Afonso V de Aragão, foram estabelecidos os princípios fundamentais de uma medicina animal racional, culminado com a criação pelos reis católicos Fernando e Isabel de um Tribunal de Protoalbeiterado, no qual eram examinados os candidatos ao cargo de albeitar (MARQUES, 2004; MELO et al., 2010; MENDOZA, 2015). Essa denominação deriva do mais famoso médico de animais espanhol, cujo nome de origem árabe era «Eb-Ebb-Beithar» (MARQUES, 2004; MENDOZA, 2015). Em língua portuguesa, o termo foi traduzido para “alveitar”, sendo usado em 1810 para designar os médicos veterinários práticos da cavalaria militar do Brasil Colônia (CFMV, 1997). Na Europa, antes da criação das primeiras escolas de Medicina Veterinária, aqueles que exerciam a empírica medicina animal eram denominados de Marechais-Ferrado-

res em países de língua latina, de “Rossartz” na Alemanha e de “Ferries” na Inglaterra (CFMV, 2008; MELO et al., 2010).

Não existe unanimidade quanto à origem do termo veterinário. Para alguns, deriva de *veterinarius*, o pastor chefe do clã, do termo latino *veteranus* (de *vetus*, velho); para outros, de *vehere*, que, em latim vulgar, significa acarretar (de *vehe*, veículo). Há ainda quem o associe a *veterina* (jumenta) ou a *veterinus* (animal de carga ou de tiro). O autor romano Columela teria sido o primeiro a utilizar tanto a expressão Medicina Veterinária, para designar a arte de curar cavalos e outras espécies, quanto o nome *veterinarius*, para o encarregado dessa função (MELO et al., 2010).

Os registros históricos sobre a Medicina Veterinária remontam à Grécia clássica, com a *Historia animalium*, de Aristóteles, obra datada do século IV a.C. *Flavius Vegetius Renatus* ou *Publius Vegetius* (450-500), por sua vez, escreveu a obra clássica *Artis veterinariae sive digestorum mulomedicinae*, também referenciada como *Digesta artis mulomedicinae* (ARAÚJO, 2004). O termo *mulomedicus*, denominação da literatura no século VI, é identificado por seus instrumentos de trabalho: um vaso de chifre e algumas ataduras. O primeiro serviria para introduzir, garganta abaixo, as beberagens preparadas pelo mulomédico. Com as ataduras, montava-se uma espécie de peia para a contenção física do animal, possibilitando, assim, o tratamento desejado, segundo a narração do papa São Gregório Magno sobre a vida de São Bento (MELO et al., 2010).

A Medicina Veterinária moderna, organizada a partir de critérios científicos, começou a se desenvolver com o surgimento da primeira escola de Medicina Veterinária do mundo, em Lyon (França), criada pelo hipologista e advogado francês Claude Bougerlat, a partir do Édito Real assinado pelo Rei Luiz XV, em 4 de agosto de 1761. Esse primeiro centro mundial de formação de médicos veterinários iniciou o seu funcionamento com oito alunos, em 19 de fevereiro de 1762 (GERMINIANI, 1998; CFMV, 2008; MELO et al., 2010; MENDOZA, 2015).

A Medicina Veterinária no Brasil e a Feminização da Profissão

Nos primeiros dias de 1808, com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, ocorreram significativas modificações, passando a Colônia a ter novo status. Do ponto de vista do ensino, foi de suma importância a assinatura do ato de criação da Faculdade de Medicina da Bahia, em 18 de fevereiro de 1808, com início das aulas no antigo Colégio dos Jesuítas no Terreiro de Jesus, em Salvador (CFMV, 1997).

Em 1810, o Conde de Linhares, Ministro de Estado dos Negócios Estrangeiros da Guerra, apoiado em decreto do Rei D. João VI, criou o cargo de Médico Veterinário, com a responsabilidade de orientar e apoiar tecnicamente os trabalhos de Hipologia e Hipiatria no 1º Regimento de Cavalaria do Exército (CFMV, 1997; GERMINIANI, 1998). No mesmo Regimento, em 1818, D. João VI estabeleceu um Curso de Alveitaria, cuja coordenação ficou a cargo do Artista Veterinário português João Batista Moncuet (CFMV, 1997; MELO *et al.*, 2010; GERMINIANI, 1998). Na realidade, o objetivo era a criação do ensino veterinário no País. A primeira Escola de Medicina Veterinária em Portugal teria sido criada em 1819, em Lisboa, pelo Marquês de Marialva. Joaquim Fiadeiro, autor de interessante estudo sobre a Ciência Veterinária editado em Portugal, afirma que a primeira Escola seria de 1830, tendo como objetivo primário formar médicos veterinários para o exército. Acrescenta que essa escola teria resultado do trabalho de três veterinários portugueses formados em Alfort e um veterinário espanhol. A eles, portanto, poderia ser atribuída a origem de toda a Medicina Veterinária em Portugal (CFMV, 1997; GERMINIANI, 1998).

Dom Pedro II, em carta datada de 25 de março de 1876, solicita à Princesa Isabel, a então Regente, a criação de escolas de Medicina Veterinária e de Farmácia. D. Pedro II, em viagem anterior, teria visitado a Escola Nacional de Veterinária de Alfort, nos arredores de Paris, e assistido a aulas de Colin, professor de

Fisiologia. Ficando maravilhado com o que ouvira, pretendia criar, no Brasil, o ensino de Medicina Veterinária (GERMINIANI, 1998; CFMV, 2008).

No Brasil, em relação ao ensino formal de nível superior, a primeira escola de Veterinária foi fundada em Pelotas ainda no Império, em 1883, com a denominação de Escola Imperial de Medicina e Agricultura (GERMINIANI, 1998). Em 1909, a já então Escola de Agronomia e Veterinária encerrou suas atividades no que concerne à formação de médicos veterinários. Após sessenta anos, seria criada a Faculdade de Veterinária, atualmente unidade acadêmica da Universidade Federal de Pelotas. Entre 1883 e 1909, a Escola de Veterinária de Pelotas não formou nenhum médico veterinário. O curso de Agronomia ainda funciona, sem ter sofrido qualquer interrupção (ELIAS *et al.*, 2003).

Somente no início do século XX, já sob o regime republicano, as autoridades decretaram a criação das duas primeiras instituições de ensino de Veterinária no Brasil: a Escola de Veterinária do Exército, pelo Decreto n.º 2.232, de 6 de janeiro de 1910 (aberta em 17 de julho de 1914); e a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, através do Decreto n.º 8.919 de 20 de outubro 1910 (aberta em 04 de julho de 1913), ambas na cidade do Rio de Janeiro (CFMV, 1997).

Em 1911, em Olinda (Pernambuco), a Congregação Beneditina Brasileira do Mosteiro de São Bento, por meio do Abade D. Pedro Roeser, sugeriu a criação de uma instituição destinada ao ensino das ciências agrárias, ou seja, Agronomia e Veterinária. As escolas teriam como padrão de ensino as clássicas escolas agrícolas da Alemanha (CFMV, 1997; GERMINIANI, 1998; FOERSTER, 2004; MELO *et al.*, 2010). No dia 1º de julho de 1914, foram inaugurados oficialmente os cursos de Agronomia e Veterinária. No entanto, por ocasião da realização da terceira sessão da Congregação, em dezembro de 1913, ou seja, antes da abertura oficial do curso de Medicina Veterinária, um farmacêutico, formado pela Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia, solicitava matrícula no curso de Veterinária na condição de portador de outro diploma de curso superior. A Congregação, acatando a

solicitação do postulante, além de aceitar dispensa das matérias já cursadas, indicou um professor particular para lhe transmitir os conhecimentos necessários para a obtenção do diploma antes dos quatro anos regimentares. Assim, no dia 13 de novembro de 1915, durante a 24ª sessão da Congregação, recebia o grau de Médico Veterinário o senhor Dionysio Meilli, primeiro Médico Veterinário formado e diplomado no Brasil. Desde o início de suas atividades até o ano de 1925, foram diplomados 24 veterinários. Em 29 de janeiro, após 13 anos de funcionamento, a Escola foi fechada por ordem do Abade D. Pedro Roeser (CFMV, 1997; FOERSTER, 2004).

Somente a partir de 9 de setembro de 1933, através do Decreto n.º 23.133, do então Presidente da República Getúlio Vargas, é que as condições e os campos de atuação do Médico Veterinário foram normatizados, conferindo-se privatividade para a organização, para a direção e para a execução do ensino veterinário (CFMV, 1995).

A Medicina Veterinária, desde sua origem, foi exercida principalmente por homens, mas atualmente apresenta taxas elevadas de participação feminina, ou seja, observa-se uma crescente expansão das mulheres em campos tradicionalmente ocupados por homens (LAWRENCE, 1997). Dessa forma, a profissão passou de uma tradição de exclusão com base no gênero para uma de inclusão, de maneira mais rápida do que qualquer outra dentre as profissões tradicionais (SLATER; SLATER, 2000).

Os primeiros países onde encontramos Médicas Veterinárias foram a Suíça, a França, a Grã-Bretanha e a Alemanha. Um fator importante para as mulheres estudarem ciências veterinárias foi a Primeira Guerra Mundial em função das boas possibilidades de emprego surgidas. Em muitos países, as mulheres não foram autorizadas a frequentar a universidade e, assim, por exemplo, as mulheres russas tiveram que ir para a Suíça, a França ou a Suécia para estudar (KATIĆ, 2012).

Nascida em 1868, no Condado de Tipperary, na Irlanda, Aileen Isobel Cust cresceu em uma

família rica. Contrariando seu guardião, o major Shallcross Fitzherbert Wridlington, que a encorajou a se mudar para Londres para estudar enfermagem, ela decidiu se tornar uma médica veterinária, indo para o norte estudar no New Edinburgh Veterinary College. Impedida de fazer os exames da universidade e de ser admitida no Royal College of Veterinary Surgeons (RCVS), Aileen teve que se contentar com a recomendação testemunhal e pessoal do fundador da escola de Veterinária William Williams quando ela completou seus estudos em 1900. Isso foi, no entanto, suficiente para garantir-lhe a posição de assistente de William Augustine Byrne, proprietário de uma clínica no Condado de Roscommon (Irlanda). Cinco anos depois, mais conflitos surgiram em relação à posição profissional de Aileen, quando ela foi nomeada inspetora veterinária pelo Conselho do Condado de Galway, uma nomeação que o RCVS acabou por negar por ela não ser oficialmente reconhecida como médica veterinária. Aileen permaneceu na atividade clínica na Irlanda até 1915, quando, após a eclosão da Primeira Guerra Mundial, foi para a França para se voluntariar no esforço de guerra. Muito embora os registros sejam escassos, parece que a mesma passou o resto da guerra fazendo serviços voluntários de cuidado e tratamento dos cavalos na frente ocidental. Somente em 1919, Aileen ganhou o título de médica veterinária (KATIĆ, 2012; VINCENT, 2013).

Após a Primeira Guerra Mundial, a Grã-Bretanha aprovou a lei que tornava ilegal que uma mulher fosse barrada em qualquer profissão que conseguisse conquistar. Dessa forma, foi possível para outras mulheres inglesas, anteriormente não autorizadas a estudar Medicina Veterinária, ingressarem nos estudos (KATIĆ, 2012; VINCENT, 2013). Após 1924, Aileen estava clinicando menos e mudou-se da Irlanda para Hampshire, onde seu principal interesse passou a ser a criação de cães. Para evitar o rigoroso inverno inglês, foi para a Jamaica no começo de 1937, tendo, porém, falecido de insuficiência cardíaca ao final desse ano (KATIĆ, 2012).

Em 1903, a Dra. Mignon Nicholson formou-se no McKillip Veterinary College, em Chicago, e, sete anos depois, as Dras. Elinor McGrath, do Chicago Veterinary College, e Florence Kimball, da Cornell University, obtiveram seus diplomas veterinários. Pouco se sabe sobre a Dra. Nicholson depois de sua formatura, mas as Dras. McGrath e Kimball são lembradas como pioneiras, não apenas porque eram mulheres, mas também porque escolheram um tipo de prática veterinária que era incomum na época, a de pequenos animais (MCPHERON, 2007; KATIĆ, 2012). Em 1910, a maior parte da prática veterinária estava tão fortemente ligada à indústria agrícola e a cavalos que construir uma clínica veterinária voltada ao atendimento de animais de estimação era bastante incomum (MCPHERON, 2007). Parece que McGrath, em 1910, foi a primeira médica veterinária no mundo a realizar uma tonsilectomia em cão, sendo também a primeira mulher membro da Associação Americana de Medicina Veterinária (AVMA) (KATIĆ, 2012).

Florence Kimball (1885-1947), nascida em Worcester (Massachusetts), foi a terceira médica veterinária americana. Em 1907, foi aceita pela Cornell University College of Veterinary Medicine, onde se formou em 1910. Entre 1910 e 1915, trabalhou em um hospital de animais de pequeno porte, que era um estábulo reformado. Em 1915, Kimball se mudou para Boston e se matriculou em uma escola de Enfermagem, tendo sido uma enfermeira militar durante a Primeira Guerra Mundial. A partir de 1918, trabalhou como enfermeira-chefe do Departamento de Doenças Infecciosas do Hospital Infantil de Saint Louis e, após 1929, tornou-se inspetora-chefe noturna no Hospital da Universidade Estadual em Oklahoma. Entre 1929 e 1947, Kimball possuiu e administrou uma fazenda de animais de estimação em Edmond, voltando a trabalhar com animais novamente (KATIĆ, 2012).

Quando a Dra. Dorothy Segal se matriculou no programa pré-veterinário da Universidade Estadual de Michigan na década de 1930, já havia superado alguns desafios, mas logo

ficou claro que existiriam outros obstáculos à frente de Dorothy e das outras sete jovens da sua turma. O reitor da época, Dr. Ward Giltner, não queria mulheres na universidade e, em seu primeiro discurso, perguntou: “O que vocês estão fazendo aqui? Voltem para a cozinha!”. Apenas duas das sete mulheres que ousaram ingressar no programa veterinário da Universidade Estadual de Michigan se formaram e se tornaram veterinárias. Segal se formou em 1943 e disse nunca ter se sentido uma pioneira, explicando que não sabia que era estranho para uma mulher se matricular no curso de Medicina Veterinária, e se considerando assim ingênua. Em 1944, a Dra. Segal era uma das 55 mulheres veterinárias existentes e, em 1947, ano em que a Associação das Mulheres Veterinárias (AWV) foi fundada, tal número cresceu para mais de 100. A Dra. Mary Knight Dunlap, graduada pela Universidade Estadual de Michigan em 1933, fundou a AWV na esperança de poupar as futuras mulheres estudantes de Medicina Veterinária de terem que suportar sozinhas os problemas profissionais, o assédio e a discriminação que ela havia experimentado (MCPHERON, 2007).

Desde o dia em que começou a funcionar, a AWV recebeu centenas de cartas todos os anos, oriundas de mulheres jovens solicitando informações sobre como se tornar uma médica veterinária. A cultura tendia a afastá-las da profissão, uma vez que a maioria das pessoas julgava não ser um trabalho adequado para uma mulher.

Em uma carta de rejeição de 11 de março de 1957, a Faculdade de Agricultura e Mecânica do Estado de Iowa, em Ames, explicou a situação a uma candidata do sexo feminino, dizendo ser a política da Divisão de Medicina Veterinária da Faculdade do Estado de Iowa não admitir mulheres no currículo profissional. Por causa das instalações educacionais limitadas, seria necessário restringir o número de admissões de novos alunos homens, justificando ainda que, em muitos casos, as mulheres não eram fisicamente capazes de atender às exigências laborais da clínica de animais de grande porte (MCPHERON, 2007; IRVINE; VERMILYA, 2010).

A Alemanha possui uma série de tradicionais escolas de Medicina Veterinária, sendo a mais antiga a Universidade de Medicina Veterinária de Hannover, estabelecida em 1778. A primeira mulher veterinária que se formou em Berlim já em 1915 não era alemã, mas sim da Finlândia, onde não havia nenhuma escola Veterinária na época. A finlandesa Agnes Sjöberg (1888-1964) estudou primeiro em Dresden e depois em Berlim, onde se formou. Na matrícula, os funcionários da administração não sabiam que ela era uma mulher, sendo registrada, depois tolerada e, posteriormente, apreciada por ser uma excelente aluna. Contudo, Agnes teve que suportar diversos insultos pessoais, que cerca de 30 estudantes do sexo masculino, seus compatriotas, dirigiam à ela. Talvez estivessem com medo de que essa excelente aluna fosse uma séria rival, o que ela definitivamente mostrou ser. Após a formatura, Agnes retornou a Dresden, onde obteve seu doutorado em 1918. Em 1944, a Dra. Agnes Sjöberg realizou com sucesso uma cesariana em uma égua, sendo importante ressaltar que naquela época não havia antibióticos (KATÍĆ, 2012).

A partir de 1890, as legislaturas estaduais começavam a aprovar as primeiras leis que regulariam a prática profissional da medicina animal para homens. No momento em que as mulheres eram, muitas vezes, consideradas não adequadas para estudar e trabalhar fora de casa, elas representavam uma ameaça aos esforços para profissionalizar a Medicina Veterinária. Na época, existia a ideia de que mulheres veterinárias não apenas violavam a cultura de uma pecuária masculina, mas também ameaçavam as aspirações profissionais dos homens na área (JONES, 2003; IRVINE; VERMILYA, 2010).

Mesmo as mulheres que conseguiam ser admitidas em escolas de Medicina Veterinária eram impedidas de receber um treinamento abrangente. Metade das escolas barravam as mulheres em certas disciplinas essenciais, como a clínica de animais de grande porte e até mesmo a cirurgia. Durante a década de 1940, as faculdades de Medicina Veterinária estavam

reduzindo mais e mais a entrada de mulheres no curso. Durante a década de 1950, apenas 139 mulheres se formaram em Faculdades de Medicina Veterinária nos Estados Unidos (SLATER; SLATER, 2000; IRVINE; VERMILYA, 2010).

As escolas de Medicina Veterinária permaneceram preconceituosas até que os regulamentos finalmente tornaram a preferência por homens dispendiosa. A demanda por serviços veterinários estava aumentando e as escolas não podiam atender às necessidades por mais médicos veterinários. Entre os fatores que contribuíram para isso estão o crescimento da população de animais de estimação, a necessidade de se cuidar dos animais para alimentação de uma população em expansão, a demanda por pesquisadores e professores e a de substituir uma gama de médicos veterinários em processo de aposentadoria. Embora a clínica de animais de grande porte e de animais de produção permanecesse importante, a prática envolvendo animais de companhia tornou-se cada vez mais comum. O mesmo ocorria com a clínica equina e a tecnologia de alimentos de origem animal; no entanto, a moderna tecnologia e o desenvolvimento de sedativos e tranquilizantes fizeram com que a força física dos homens fosse cada vez mais irrelevante (SLATER; SLATER, 2000).

A confluência dessas mudanças legais, sociais e científicas serviu para abrir oportunidades para mulheres academicamente talentosas em um número cada vez maior. Nos Estados Unidos da América (EUA), em 1971, a Lei de Recursos Humanos em Saúde estipulou que o governo não poderia conceder empréstimos ou concessões a faculdades de Medicina Veterinária, a menos que recebesse garantias de que não haveria discriminação de gênero nas admissões. Com a iminente perda de financiamento federal, as escolas de Veterinária começaram a revisar suas políticas de admissão. A Lei do Ensino Superior de 1973 continha três disposições que melhoraram o quadro para as mulheres. O ato proibiu a discriminação sexual em programas de educação assistidos pelo governo federal; alterou porções da Lei dos

Direitos Civis de 1964 para incluir mulheres; e ampliou a cobertura da Lei de Pagamento Igualitário de 1963 para o Executivo, para funcionários administrativos e profissionais, incluindo o corpo docente (SLATER; SLATER, 2000; IRVINE; VERMILYA, 2010).

Em meados da década de 1980, as mulheres constituíam metade do número de ingressantes nas escolas de Medicina Veterinária dos EUA. Atualmente, quase 80% dos estudantes de Veterinária são mulheres – uma inversão de enormes proporções em apenas duas décadas (GEHRKE, 1997; IRVINE; VERMILYA, 2010).

No Brasil, a primeira mulher diplomada em Medicina Veterinária foi a Dra. Nair Eugenia Lobo, na turma de 1929 da Escola Superior de Agricultura e Veterinária, hoje Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Ao se analisar o número de inscrições primárias no Sistema de Conselhos Federal e Regional de Medicina Veterinária (Sistema CFMV/CRMVs), a participação da mulher até os anos 1980 era inferior a 20%. Após 20 anos, o ano de 2000 foi o primeiro em que as mulheres ultrapassaram os homens em número de inscrições, somando mais de 50% dos novos inseridos no Sistema CFMV/CRMVs. Na última década, elas mantiveram a supremacia em todos os anos, com mais de 50% das inscrições. Em 2012, responderam por 55% das inscrições primárias realizadas (CFMV, 2013).

A crescente presença de mulheres na profissão evocou medos e afirmações de que essa chamada feminização da profissão Veterinária levaria a um declínio dos padrões. Também foi sugerido que as mulheres só estabeleceriam clínicas centradas em pequenos animais e que outras especializações e campos altamente técnicos definhariam (SLATER; SLATER, 2000).

De fato, com o conhecimento científico veterinário expandido nas últimas décadas, as mulheres entraram em especialidades. Além disso, elas lideraram o caminho no desenvolvimento de algumas das especialidades mais recentes e participaram em outras especialidades recém-criadas, como oncologia, car-

diologia, odontologia e epidemiologia. Muitas dessas novas especialidades foram criadas ou se expandiram nas últimas décadas, precisamente naquelas marcadas por um aumento no número de mulheres em pós-graduação. Além disso, durante essas décadas, muito mais graduadas em Medicina Veterinária têm buscado treinamento em programas de residência, geralmente combinando esse treinamento com programas de mestrado e até de doutorado (GEHRKE, 1997).

Considerações Finais

Historicamente falando, as mulheres lidaram com as diferenças de gênero nas profissões dominadas por homens por meio de duas formas. A primeira, negando ignorando ou, de alguma forma, superando essas diferenças, por exemplo, evitando o casamento ou renunciando a ter filhos – em particular, as pioneiras no campo da Medicina Veterinária muitas vezes adotaram essa estratégia, negando qualquer diferença nas habilidades de homens e mulheres. A segunda estratégia foi admitir as diferentes necessidades de mulheres e homens e escolher carreiras que eram menos exigentes, prestigiosas ou financeiramente recompensadoras, diminuindo, assim, as suas próprias expectativas.

Hoje, no entanto, as mulheres esperam igualdade de oportunidades e cada vez mais estão desenvolvendo a confiança e o senso de direito que as suas realizações educacionais lhes proporcionaram. Mais mulheres hoje estão preparadas para resolver as diferenças entre as necessidades de cada gênero, ao invés de negar que tais diferenças existem. As demandas da sociedade no mundo contemporâneo e global são amplas, dinâmicas e contextualizadas por cenários que ultrapassam governos e instituições. Elas exigem do profissional, de qualquer gênero e em qualquer área, o conhecimento e as habilidades cognitivas necessárias para capacitá-lo a executar tarefas específicas, independentemente de qual seja a profissão.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Y. L. M. M. Contributo para a história da alveitaria e dos cavalos de guerra no Portugal medieval. **Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias**, Lisboa, v. 99, n. 549, p. 19-25. 2004.
- CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA (CFMV). Médico Veterinário militar: prestando serviço para a grandeza do País. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**. Brasília, DF, n. 2, p. 7-10. 1995.
- CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA (CFMV). Médico Veterinário militar: prestando serviço para a grandeza do País. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**. Brasília, DF, n. 9, p. 19-24. 1997.
- CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA (CFMV). Editorial comemorativo dos 40 anos. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, Brasília, DF, n. 45, p. 4. 2008.
- CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA (CFMV). Desafio para as profissionais: Igualdade justa, verdadeira e sem gênero. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, Brasília, DF, n. 58, p. 7-9, 2013.
- ELIAS, M.; ROMBALDI, C. V.; MENEGHELLO, G. Mais do que 120 anos de aula, a trajetória da Faem representa marcas de uma lição. **Revista Brasileira de Agrociências**, Pelotas, v. 9, n. 4, p. 313-316. 2003.
- FOERSTER, P. J. E. O visionário dom Pedro Roeser, fundador da Escola de Medicina Veterinária São Bento de Olinda (PE) (1912). **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, Brasília, n. 33, p. 97-106. 2004.
- GEHRKE, B. C. Geographic distribution of female and male veterinarians in the United States, 1996. **Journal of American Veterinary Medical Association**, v. 211, p. 989-1241. 1997.
- GERMINIANI, C.L.B. **A história da Medicina Veterinária no Brasil**. Archives of Veterinary Science, v. 3, n. 1, p. 1-8. 1998.
- IRVINE, L.; VERMILYA, J. R. **Gender work in a feminized profession**. Gender & Society, v. 24, n. 1, p. 56-82. 2010.
- JONES, S. D. **Valuing animals: Veterinarians and their patients in modern America**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=1GCJ6hAgt_oC&oi=fnd&pg=PP15&dq=>. Acesso em: 7 jul. 2018.
- KATIĆ, I. **Pioneer female veterinarians**. Medical Sciences, v. 37, p. 137-168. 2012.
- LAWRENCE, E. A. **A woman veterinary student in the fifties: the view from the approaching millennium**. Anthrozoös, v. 10, n. 4, p. 160-169. 1997.
- MARQUES, F. **História da medicina veterinária**. 2004. Disponível em: <www.drabl.min-agricultura.pt/drabl/documentos/historia_medicina_veterinaria.htm>. Acesso em: 7 jul. 2018.
- MCCABE, A. **A Byzantine Encyclopaedia of Horse Medicine – The Sources, Compilation, and Transmission of the Hippitrica**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- MCPHERON, T. **2007 is DVM Year of the Wonam. History of female veterinarians paved with individual struggles and triumphs**. Javma News, jun. 2007. Disponível em: <<https://www.avma.org/News/JAVMA-News/Pages/070615d.aspx>>. Acesso em: 2 ago. 2018.
- MELO, L. E. H.; MAGALHÃES, F. O.; ALMEIDA, A. V.; CÂMARA, C. A. G. **De alveitares a veterinários: notas históricas sobre a medicina animal e a Escola Superior de Medicina Veterinária São Bento de Olinda, Pernambuco (1912-1926)**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 107-123. 2010.
- MENDOZA, B. I. U. **La invención de los animales: una historia de la veterinaria mexicana, siglo XIX**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 1391-1409. 2015.
- VINCENT, N. **History of women veterinarians**. Vet Times, 2013. Disponível em: <<https://www.vettimes.co.uk>>. Acesso em: 2 ago. 2018.